

**Os reflexos de uma proposta de formação continuada no discurso de professores que exercem a docência com turmas de alunos inclusos**

**The reflections of a continued training proposal in the teacher's speech that exercise teaching with students classes**

**Neiva Terezinha Chervenski Escobar**

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: neivae@bol.com.br

**Janáina Pereira Pretto Carlesso**

Universidade Franciscana-UFN, Brasil

E-mail: janapcarlesso@yahoo.com.br

Recebido: 26/06/2018 – Aceito: 16/07/2018

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de um estudo com a finalidade de verificar os reflexos de uma proposta de formação continuada no discurso de professores que exercem a docência com alunos inclusos. A amostra foi composta por 14 professores do ensino fundamental, da rede pública municipal da cidade de Alegrete/RS. A coleta de dados foi realizada no ano de 2017. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram aplicação de questionários, rodas de conversas reflexivas e minicursos com profissionais especializados, que abordaram os aspectos históricos, legais e a importância de adaptar o currículo para a concretização da inclusão escolar. Os docentes entenderam, após a proposta de formação, que o caminho é buscar um aprofundamento teórico constante sobre o tema abordado e concordaram que é fundamental planejar e fazer uso de metodologias adaptadas para que o aluno com deficiência consiga compreender o conteúdo estudado em sala de aula. Portanto, acredita-se que a maior contribuição deste estudo foi evidenciar, por meio das reflexões e ressignificações oportunizadas, a importância da formação continuada para o desempenho da docência com alunos com deficiência.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar; Estudo de caso; prática docente; alunos com deficiência.

**Abstract**

This study aimed to verify the reflections about a proposal of continued education in the speech of teachers who work with included students. The sample was composed by 14 Elementary School teachers, from the public education system in Alegrete/RS. Data collect was executed in 2017. The tools in this data collect were questionnaires, reflexive conversation circles and short courses with specialized professionals, who considered about historical and legal aspects and about the importance of adapting the curriculum to consolidate school inclusion. After the proposition about education, the teachers understood that the way is to search theoretical deepening about the theme, showing comprehension about how fundamental it is to plan and to use methodologies that help the disabled student to understand the studied topics in class. Therefore, the belief is that the biggest contribution from this study was to evidence, through reflections and redeterminations, the importance of continued education to the execution of teaching for disabled students.

**Keywords:** Schoolinclusion; Case study; teaching practice; students with disabilities.

## 1. Introdução

A sociedade é uma agregação de pessoas que compartilham valores culturais, um sistema jurídico regido por normas e regras de conduta que permitem aos indivíduos que a integram o sentimento de pertencer ao todo. É o resultado histórico das relações entre os sujeitos. Nesse sentido, a inclusão de alunos com deficiência da forma vivenciada na atualidade no meio escolar regular percorreu uma trajetória por vezes complexa, mas necessária para as conquistas que se buscam nos dias atuais. Ainda no que se refere ao ingresso desses indivíduos na instituição escolar, para que este acesso aconteça de forma plena, conforme determina a constituição brasileira em seu artigo 208 (BRASIL, 1988), “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III – Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; [...]” e não apenas como mera formalidade. Assim, é necessário rever constantemente como estão acontecendo as práticas docentes com esse público, que apresenta especificidades em sua forma de aprender, o que remete à importância da formação continuada dos docentes que atuam nessa realidade. Aqui, é preciso assentar que a formação é um processo diário e próprio do ser humano, é uma aprendizagem permanente. Nesse sentido, de acordo com Assmann (1998), “vida é, essencialmente, aprender e estar vivo, é um sinônimo de estar agindo como aprendente”. A formação de professores tem sido um grande desafio para a

educação em uma sociedade complexa com novas demandas impostas pelas rápidas mudanças às quais todos estão submetidos. Nesse contexto, novas reflexões são obrigatórias para a formação daqueles que serão responsáveis pela educação na escola. Uma política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática (MENDES, 2004).

É importante que haja um aperfeiçoamento contínuo quanto à prática docente de um professor para uma escola que trata da inclusão de alunos com deficiência de forma comprometida. Essa formação precisa estar baseada em ações constituídas de aprofundamento teórico sobre concepções pedagógicas, conhecimentos históricos e legais próprios do processo inclusivo educacional, conhecer as peculiaridades do educando e a análise da realidade escolar onde o docente exerce suas funções. Acerca disso, Tardif (2002) ressalta que os saberes dos professores são um conjunto de diferentes saberes, oriundos de diversas fontes e são a base do conhecimento profissional. O professor se constitui como tal a partir da prática, das relações que ele estabelece com os estudos teóricos, bem como com as suas próprias experiências no processo de sua formação acadêmica, na medida em que suas crenças, valores e representações irão acompanhá-lo durante e após todo seu processo formativo que se dá ao longo da vida. A formação continuada constante na legislação que sustenta a educação escolar e que faz parte dos projetos políticos pedagógicos da escola carece de implementação e exigências sociais para que não apenas conste nos documentos oficiais, mas sim e principalmente na prática pedagógica no cotidiano. Ao tratar da formação de professores, Nozi (2013) aborda a necessidade de uma formação que proporcione aos professores condições de serem protagonistas de suas práticas pedagógicas de maneira crítica e reflexiva a ponto de perceberem que os processos que vivenciam em sala de aula são reflexos de um contexto mais amplo, que envolve, entre tantas outras questões objetivas, ideologias e utopias, direitos e deveres.

Neste estudo, objetiva-se verificar os reflexos de uma proposta de formação continuada no discurso de professores que exercem a docência em turmas que têm alunos inclusos.

## **2. Metodologia**

### *Caracterização da pesquisa*

O tipo de pesquisa realizada é um Estudo de Caso de caráter qualitativo. A presente pesquisa foi realizada no Estado do Rio grande do Sul, na cidade de Alegrete, no ano de 2017. Realizou-se inicialmente um contato com a Secretaria de Educação do município com a finalidade de apresentar a proposta metodológica da pesquisa e conferir a possibilidade de os docentes participarem deste estudo. Objetivando uma maior participação dos professores, optou-se pela realização da proposta no horário em que os docentes exercem suas funções. Também nesse encontro ficou acertado que os participantes seriam certificados pelas horas de estudo propostas pela pesquisadora. A pesquisadora realizou a entrega pessoalmente na direção das nove escolas municipais da zona leste dessa cidade convites para os docentes que vivenciam em suas salas de aula o processo de inclusão de alunos com deficiência na escola regular de ensino. Na entrega dos convites, os objetivos da pesquisa foram expostos como também a decisão da secretaria de educação em certificar os educandos que aceitassem participar do estudo. Ficou também esclarecido que a decisão de realizar o estudo no horário de trabalho teve a intenção de facilitar a participação dos docentes que, em sua maioria, possuem uma carga horária de quarenta horas semanais somado ao fato de que o estudo proporcionaria um formação continuada acerca de suas práticas pedagógicas.

### *Sujeitos do estudo*

A amostra do estudo foi composta por 14 professores da rede pública municipal da cidade Alegrete, RS. A média de idade dos docentes é de 35 anos, o tempo de docência é de 10 anos em média. Dos 14 participantes, apenas um do sexo masculino, e 85% dos participantes têm formação em Pedagogia e apenas um tem especialização em Educação Especial. Para composição do perfil da amostra, foram selecionados os seguintes critérios de inclusão: professores que realizam docência com alunos que participam do processo de inclusão na escola regular de ensino, com no mínimo um ano de docência.

É necessário salientar que a amostra do estudo passou por alterações. Inicialmente, o grupo foi formado por 30 professores e, por terem participação inferior a 75% nos encontros, não foram considerados os dados coletados na análise. A participação em todos os encontros foi considerada um critério necessário para a realização de uma análise comparativa.

### *Instrumentos de coleta de dados*

Na coleta de dados, foram utilizados dois tipos de questionário (A) e (B). Com o Questionário (A), teve-se o propósito de conhecer o percurso formativo e a experiência prática em sala de aula dos professores em relação ao processo de educação inclusiva. A aplicação foi realizada no primeiro encontro. Com o Questionário (B), teve-se a finalidade de investigar se as informações oportunizadas a partir dos encontros de reflexões, as trocas de experiências e orientações técnicas realizadas na última etapa do estudo possibilitaram a ressignificação das práticas e pontos de vista diante da educação inclusiva. Os questionários investigativos são compostos por questões fechadas e abertas.

Quanto aos aspectos éticos, estes devem ser rigorosamente seguidos em pesquisas que envolvem seres humanos. A presente pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) em Pesquisa da Universidade Franciscana, sob nº de CAEE 73142917.9.0000.5306.

### *Análise comparativa*

O objeto da análise deste estudo foram os dados coletados nos questionários (A) e (B), com a finalidade de realizar uma análise comparativa dos conhecimentos prévios dos professores referente ao assunto abordado, antes da participação nos encontros propostos pela pesquisadora deste estudo, e posteriormente às intervenções e por meio de rodas de conversas com debates, discussões, dinâmicas, minicursos com palestras informativas, verificando se o trabalho realizado nesta pesquisa mobilizou mudanças ou não na amostra estudada.

Para Schneider e Schmitt (1998) o método comparativo não se confunde com uma técnica de levantamento de dados empíricos. O uso da comparação, enquanto perspectiva de análise do social tem uma série de implicações situadas no plano epistemológico e remete a um debate acerca dos próprios fundamentos da construção do conhecimento em ciências sociais.

No Quadro 1, são apresentadas as categorias elaboradas para análise dos dados obtidos.

**Quadro 1** – Categorias para análise comparativa dos dados pesquisados:

CATEGORIAS
Dificuldades dos docentes em relação à inclusão de alunos com deficiência em sala de aula.
Metodologias utilizadas pelo professor em sala de aula, para a aprendizagem dos alunos com deficiência.
A formação continuada pode contribuir de forma significativa para as práticas pedagógicas cotidianas dos alunos com deficiência.
Desafios do processo de educação inclusiva na prática docente e as considerações acerca da formação docente proposta pela pesquisa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos resultados obtidos nos questionários (A) e (B), será apresentada a análise comparativa baseada nas categorias apresentadas no Quadro 1, que também estão de acordo com os objetivos do estudo.

Nos Quadros 2 e 3, podem-se verificar as questões e respostas dos questionários (A) e (B) referentes à análise da categoria *Dificuldades dos docentes em relação à inclusão de alunos com deficiência em sala de aula*.

**Quadro 2** – Questões e respostas do Questionário (A)

QUESTIONÁRIO – A	RESPOSTAS
1. Aponte quais as dificuldades encontradas na docência com alunos com deficiência?	<i>“Falta de recursos materiais”</i> <i>“Falta de conhecimentos sobre estes alunos”;</i> <i>“Falta de embasamento teórico sobre deficiências e síndromes”</i> <i>“Não entender como trabalhar com cada aluno e em cada momento”</i> <i>“Formação inicial e continuada com poucos subsídios para estes alunos”</i> <i>“Às vezes fico pensando o que eles fazem aqui, só colocaram uma mesa e uma cadeira”.</i>  <i>“Faço o que é possível dentro dos recursos materiais disponível”</i>  <i>“Preciso ampliar meus conhecimentos acerca do assunto e assim elaborar maiores estratégias para serem aplicadas em minha prática com os alunos”.</i>
1.1 E suas considerações acerca de sua atuação com este público?	<i>“Penso que este universo é muito vasto é que a nível de Brasil estamos começando a trilhar este caminho”</i>  <i>“Na maioria das vezes me sinto ineficiente procuro fazer o melhor para o aluno visando a sua aprendizagem”</i>  <i>“Pesquisei cursos mas sei que preciso melhorar”</i>  <i>“De fato é necessário fazer uma inclusão verdadeira não apenas colocar uma mesa e cadeira faço o que posso, uma formação para os professores é imprescindível”</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Quadro 3 – Questões e respostas do Questionário (B)**

QUESTIONÁRIO – B	RESPOSTAS
1. Após os encontros com o grupo de reflexões, o que foi possível rever e repensar acerca de sua prática docente com alunos com deficiência?	<p><i>“Que tudo é possível é preciso querer é preciso buscar, buscar o que é de direito, logístico material”</i></p> <p><i>“Ouvir os relatos dos participantes e especialistas esclarecendo duvidas, está sendo fundamental para repensar o que fazer como fazer com eles”</i></p> <p><i>“Cada aluno que chega é diferente o professor precisa entender a singularidade dos alunos”, “a compreensão que as inquietações e duvidas são gerais”</i></p> <p><i>“Que estamos aprendendo todo o dia e vale a pena repensar no que não deu certo com estes alunos.</i></p> <p><i>“Foi possível repensar a inclusão de forma mais concreta, e buscar formação continuamente”</i></p> <p><i>“Necessidade de entender a legislação vigente da inclusão e a história de como aconteceu e porque aconteceu destes alunos estarem na sala de aula”.</i></p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Percebe-se que, no Quadro 2, na questão número 1 do Questionário (A), os professores citam dificuldades desde a falta de material até a ausência de conhecimento sobre o processo inclusivo. Considerações de sua atuação demonstram desestímulo com suas práticas inclusivas.

Já na questão número 1 do Questionário (B) apresentada no Quadro 3, os docentes analisados entendem que o caminho para uma educação inclusiva adequada é buscar um aprofundamento teórico sobre o tema abordado, entendendo que cada aluno é único, mas sabem que essa caminhada não é fácil, mas é possível. Nesse sentido, segundo Tunes (2003),

*É muito comum ouvirmos as pessoas dizerem que não se sentem preparadas para atuar com as crianças e os jovens especiais. É verdade. De fato, os professores não estão preparados para isso. Se estivessem, o compromisso com essas crianças e jovens não se traduziria como um desafio. É desafio exatamente porque não se sabe como fazer. Tem-se que investigar, buscar, descobrir (TUNES, 2003).*

Nos Quadros 4 e 5, são apresentadas as questões e respostas do questionário (A) e (B) referentes à análise da categoria *Metodologias utilizadas pelo professor em sala de aula, para a aprendizagem dos alunos com deficiência.*

**Quadro 4 – Questões e respostas do Questionário (A)**

QUESTIONÁRIO – A	RESPOSTAS
2. Quais metodologias você faz uso em sala de aula para auxiliar a aprendizagem de alunos com deficiência? São previamente planejadas?	<p><i>“Acredito que faça pouco, falta material didático por parte da mantenedora”.</i></p> <p><i>“Preciso adquirir e confeccionar materiais didáticos”.</i></p> <p><i>“Trabalho com todos a partir da pratica comum”.</i></p> <p><i>“Procuro trabalhar de acordo com a necessidade de cada um” quando possível busco conhecimento fora”.</i></p> <p><i>“Utilizo materiais disponíveis que não são muitos temos dificuldade em acessá-los, tento trazer o lúdico para sala de aula e levo os alunos a passarem por experiências conforme suas necessidades”.</i></p> <p><i>“Basicamente atividades que desenvolvam a socialização para o convívio na escola”.</i></p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

**Quadro 5 – Questões e respostas do Questionário (B)**

QUESTIONÁRIO – B	RESPOSTAS
2. Deixe sua opinião acerca da importância da metodologia e do planejamento após este estudo:	<p><i>“É preciso pensar em estratégias podemos usar materiais reciclados, e cobrar de quem dirige a educação os materiais que precisamos para que possamos dar aulas boas, não vai ser fácil cobrar”</i></p> <p><i>”pensar em formas prazerosas para alcançar os objetivos com eles” “[... planejar estratégias]”</i></p> <p><i>“Acredito que preciso adaptar os conteúdos para que o aluno incluso tenha as mesmas condições dos demais”</i></p> <p><i>“Importância de planejar pensando nas necessidades de todos”</i></p> <p><i>“Sim, repensar as metodologias com adaptações”</i></p> <p><i>“Adaptar as metodologias para que ele também consiga aprender alguma coisa do que eu ensino para a turma”</i></p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Observa-se que, nos Quadros 4 e 5, na questão número 2 do questionário (A), os professores demonstraram compreensão do quanto é fundamental planejar e fazer uso de metodologias adaptadas para que o aluno com deficiência consiga compreender o tema estudado, levando em consideração suas peculiaridades. Ainda é preciso fazer referência que uma docente, no questionário A, acerca das metodologias, relata trabalhar de forma lúdica e levar o aluno a experiências conforme suas necessidades, métodos positivos para a busca de aprendizagens que tenham significados para o aluno incluído. Verificou-se também que, em um dos relatos no questionário A, uma das participantes assim se manifesta: *“levo basicamente atividades que desenvolvam a socialização para o convívio na escola”*. Esse aspecto não é positivo, pois sim na escola é fundamental a socialização, pois aprendemos com o outro, mas não apenas a socialização é papel da escola, mas também a aprendizagem.

No mesmo sentido desses apontamentos, Mrech (2005) afirma que os procedimentos pedagógicos fazem parte da ação do professor, como planejar, refletir, estabelecer relações, trabalhar coletivamente, questionar, avaliar e registrar sua prática docente e realizar adequações ou adaptações curriculares. São, portanto, alvo de construção constante na prática docente, pois são múltiplos e possíveis de serem utilizados de acordo com as necessidades encontradas em cada contexto de ensino e aprendizagem, visto que é preciso construir novos procedimentos à medida que há objetivos a se atingir.

A questão 3 dos questionários (A) e (B): *A temática educação inclusiva é discutida/trabalhada na escola onde atua como docente entre os professores e com a equipe diretiva?* não será analisada de maneira comparativa como as demais questões, pois, devido a sua importância dentro da temática estudada, optou-se em apresentá-la apenas como uma reflexão. A seguir são apresentadas as falas dos professores:

*“Não discutimos, não temos tempo somos uma escola de tempo integral discutimos, mas a culpa é sempre do docente.”*

*“Com a equipe diretiva não somente com alguns colegas.”*

*“São mal direcionadas, ficam lacunas”*

*“Na escola não, só quando acontecem em outros recintos.”*

Acerca da questão 3, ao se abordar o tema educação, acrescenta-se aqui educação inclusiva escolar, pois esta é a realidade jurídica, talvez ainda não a real, as discussões sobre tão relevante tema deveriam estar inseridas no projeto político pedagógico da escola, pois é de fundamental importância que o professor e os demais membros da comunidade escolar dialoguem sobre as dificuldades, mas também possibilidades desses educandos.

Sobre esse aspecto, Rodrigues (2008) destaca *“que uma escola é inclusiva quando todos da equipe escolar – diretores, professores, secretaria, serviços gerais – participam*

ativamente desse projeto”. Todos os envolvidos devem assumir as responsabilidades, individuais e coletivas, para a criação de práticas que possibilitem a superação dos problemas enfrentados para implementação da inclusão escolar.

Nos Quadros 6 e 7, são apresentadas as questões e respostas do questionário (A) e (B) referentes à análise da categoria *A formação continuada pode contribuir de forma significativa para as práticas pedagógicas cotidianas dos alunos com deficiência?*

#### Quadro 6 – Questões e respostas do Questionário (A)

QUESTIONÁRIO – A	RESPOSTAS
4. A formação continuada dá conta das demandas do dia a dia na sua atuação com alunos com deficiência?	<p>“Não dá conta”</p> <p>“De forma alguma pelo menos até o presente momento”.</p> <p>“Trabalho em duas realidades em uma delas acontecem algumas formações, mas nem sempre a inclusão entra na pauta, na outra, formação nem pensar”</p> <p>“Somente é discutida quando tenho aluno incluído, e como um problema, não com soluções”</p>
4.1. Deixe sua opinião em relação à formação continuada, apontando como ela deve ser planejada e ministrada para auxiliar os docentes que atuam em salas de aula com alunos com deficiência.	<p>“Em partes mas existem muitas lacunas”</p> <p>“Às vezes, porém o tema debatido é sempre o mesmo falta de preparo docente”</p> <p>“Deveriam ser Com atividades práticas e como incluir os alunos, pois muitos colegas não aceitam eles”</p> <p>“Precisamos de teoria como a legislação, mas de muitas sugestões praticas”</p> <p>“Deve ser planejada de acordo com as demandas da comunidade para ser melhor aproveitada” Deve contar com trocas de experiências e opiniões”</p> <p>“Trazer dicas de métodos que deram certo e adaptar a cada realidade”;</p> <p>“[...] Conhecimentos que possam dar segurança para o docente receber seu aluno com tranquilidade.”</p> <p>“Formações que tragam informações de novos estudos sobre todo o contexto da educação, mas também trocas de experiências. “ Um tempo maior para estudos e debates sobre inclusão escolar, afinal não tem como não falar ela faz parte da educação”.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Quadro 7 – Questões e respostas do Questionário (B)**

QUESTIONÁRIO – B	RESPOSTAS
4. Defina o que é “formação continuada” para você após participar da proposta realizada nesta pesquisa.	<p><i>“O nome diz é continua deve ser sempre, uma continuidade do que acontece na sala de aula, não é assim...”]</i></p> <p><i>“Devemos solicitar que as formações aconteçam...”] Formação continuada é também falar o que pensamos o que sentimos como e porque agimos”</i></p> <p><i>“Formação é trocar saberes é ter um tempo para isso, e a inclusão deverá sempre ser discutida, pois em cada sala tem alunos com deficiência”</i></p> <p><i>“Aprender sobre a prática do dia a dia é refletir, planejar sobre todos os alunos”</i></p> <p><i>“Formação continuada é contextualizar a partir da realidade é buscar, estudar, trocar”...]</i></p> <p><i>“Momentos de reflexões e estudo, estratégias para adaptar”;</i> <i>“É uma extensão da sala de aula onde busca-se informações e respostas sobre um tema que pode ser em uma roda de conversa”</i></p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Nas respostas apresentadas nos Quadros 6 e 7 referentes à questão número 4 dos questionários (A) e (B), os docentes participantes da pesquisa apresentam em seus discursos certa obviedade na urgência de uma revisão na formação continuada para os docentes que realizam acompanhamento de alunos inclusos. Conforme Mendes (2004), a política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática. Nesse mesmo sentido, Nóvoa (1991) afirma que as análises sobre a formação continuada se inserem no campo dos debates sobre as políticas educativas e a profissão docente, pois, em um cenário de mudanças e inovações, a formação continuada adquire um estatuto relevante, no sentido de proporcionar um tempo necessário para elaborações que refazem as identidades.

Segundo Andrade (2008), a formação continuada é apenas mais um recurso, entre tantos outros, que precisam ser constantemente re-trabalhados para o desenvolvimento das políticas públicas para a inclusão escolar, assim como a atualização dos estilos de gestão educacional, a inovação metodológica, a valorização do trabalho em suas múltiplas faces (profissional, econômica, legal), entre outras. Acerca disso, Antunes et al (2016) apontam que a formação continuada foi uma saída encontrada para que os professores pudessem, com um olhar crítico e reflexivo sobre suas práticas, (re)significá-las.

Nos quadros 8 e 9, são apresentadas as questões e respostas do questionário (A) e (B) referentes à análise da categoria. *Os desafios do processo de educação inclusiva na pratica*

*docente e as considerações dos pesquisados sobre a formação continuada proposta pela pesquisadora.*

#### **Quadro 8 – Questões e respostas do Questionário (A)**

<b>QUESTIONÁRIO – A</b>	<b>RESPOSTAS</b>
5. Aponte quais os desafios encontrados na docência com alunos com deficiência.	<p><i>“Desafios com relação à formação continuada: o que fazer como fazer”.</i></p> <p><i>“Todo e qualquer tipo de desafio, mas principalmente como trabalhar com estes alunos para que aprendam”.</i></p> <p><i>“Necessidade de formação para a inclusão e de uma rede de apoio mais ágil”.</i></p> <p><i>“Entender como trabalhar com cada aluno”, “ cursos mais práticos”.</i></p> <p><i>“Um grande desafio é como adaptar os conteúdos, que ainda não consigo, aprender a compartilhar ideias e métodos que dão certo”.</i></p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

#### **Quadro 9 – Questões e respostas do Questionário (B)**

<b>QUESTIONÁRIO – B</b>	<b>RESPOSTAS</b>
5. As contribuições foram relevantes para você? Deixe sua opinião.	<p><i>“Foram momentos muito significativos os momentos de reflexão de experiências e saberes”.</i></p> <p><i>“Esta formação está sendo muito eficiente, pois os conhecimentos são expostos e existem as trocas desabafos e novas informações”.</i></p> <p><i>“As trocas de experiências foram momentos de suma importância somadas com o conhecimento dos profissionais possibilitaram riquíssimos momentos, principalmente a questão de adequar os conteúdos para que o aluno incluso tenha as mesmas condições dos demais”.</i></p> <p><i>“Sim sobre as metodologias, as leis que amparam a inclusão, o que é realmente a inclusão de fato. “Percebi a importância do comprometimento e respeito pelo que fizemos”.</i></p> <p><i>“Sim, é sempre muito bom nos inteirarmos de temas relevantes; é possível repensar, pois precisamos, a inclusão faz parte do trabalho de sala de aula, somos todos incompletos com nossas deficiências”.</i></p> <p><i>“Estes encontros irão contribuir muito para rever a minha prática, pois quando o assunto é inclusão, no qual ainda somos leigos e necessitamos aprender. Reflexões importantes sobre a prática do dia a dia, pois temos muito que aprender até chegar a aprender como adaptar conteúdos”.</i></p> <p><i>“Senti uma sensação de pertencimento ao grupo, pois com os encontros foi possível perceber que meus anseios fazem parte da prática de outros educadores, e ouvir depoimentos de boas práticas me fortaleceram”.</i></p>

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Nos relatos dos professores analisados neste estudo, observam-se situações de desacordo com o que menciona a legislação, com o dia a dia do professor. Nesse momento, é importante refletir sobre o que diz Tunes (2003):

É muito comum ouvirmos as pessoas dizerem que não se sentem preparadas para atuar com as crianças e os jovens especiais. É verdade. De fato, não estamos preparados para isso. Se estivéssemos, o nosso compromisso com essas crianças e jovens não se traduziria como um desafio. É desafio exatamente porque não sabemos como fazer. Temos que investigar, buscar, descobrir (TUNES, 2003).

Antunes et al (2016) apontam que há uma recorrência, nos discursos dos professores, de que a formação inicial recebida por eles foi incipiente quanto à realidade da inclusão dos alunos com deficiência. Nesse sentido, os cursos de formação continuada, os quais têm como um de seus objetivos o estudo sobre a Educação Especial e Inclusão, tornam-se importantes para a melhoria da aprendizagem desses alunos. Tendo em vista que esses sujeitos estruturam o conhecimento de maneiras diferenciadas, requerem do professor uma atitude distinta daquela assumida frente aos demais alunos, que não apresentam deficiências. As autoras salientam ainda que é preciso buscar um fazer pedagógico que acredite na aprendizagem desses alunos, compreendendo-os como sujeitos capazes de aprender dentro de seus tempos e estilos de aprendizagem. Para tanto, os professores precisam estar preparados para recebê-los, abertos a novas metodologias de trabalho, a novas maneiras de enxergar o ser humano e de acreditar que todos são capazes de aprender, independentemente da deficiência e das diferenças apresentadas.

### **Considerações finais**

A análise realizada apontou que foi possível verificar, na amostra estudada, reflexos importantes da proposta de formação continuada oportunizada por este estudo. Os docentes passaram a entender que o caminho para alcançar uma adequada educação inclusiva é buscar um aprofundamento teórico constante sobre o tema abordado. Além disso, é preciso ter ciência do quanto é importante planejar e fazer uso de metodologias adaptadas para que o aluno com deficiência consiga compreender o conteúdo estudado em sala de aula.

Os professores perceberam a necessidade e a importância da formação continuada para dar conta das demandas do dia a dia na atuação com alunos com deficiência. Além disso, essa formação passou a ser vista como um método eficaz para o aperfeiçoamento de suas práticas.

Já em relação aos desafios da docência, os professores apresentaram uma nova percepção da problemática, manifestando, em seus discursos, que é possível repensar a

inclusão de forma mais concreta.

A partir dos resultados obtidos por este estudo, percebeu-se a necessidade de uma formação útil e consistente, pois, em cada questão investigada e comparada no momento inicial e final desta pesquisa, foi observado que o professor deseja uma formação que o capacite para o trabalho com alunos com deficiência. Além disso, pôde-se constatar que os professores perceberam que a legislação lhes orienta para entender na plenitude os caminhos do processo inclusivo, que o aluno não é responsabilidade somente do docente e sim da sociedade, que a história lhes mostra porque a educação tornou-se inclusiva e especialmente a necessidade de adaptar conteúdos com metodologias para alcançar aprendizagens com esses alunos.

Acredita-se que a maior contribuição deste estudo foi evidenciar por meio das reflexões e ressignificações oportunizadas na amostra estudada, a necessidade de criar espaços de discussão e debate da prática pedagógica com alunos inclusos e a importância de possibilitar uma formação continuada mais qualificada com o auxílio de profissionais especializados que possam contribuir para atualização e suporte dos docentes. Entretanto observa-se a necessidade de oportunizar tais subsídios aos professores. Esses investimentos na educação podem ser fundamentais para a obtenção de avanços importantes na prática pedagógica.

Cabe ressaltar que em relação às pesquisas sobre a formação continuada de professores, parte considerável dos trabalhos tem apontado precariedades e limitações nos cursos de formação direcionados à educação especial, favorecidos pelos programas do governo federal (Jesus et al, 2011). Acerca disso, sugere-se a importância da realização de novos estudos que abordem a formação continuada de professores que acompanham alunos com deficiência na escola regular de ensino, para que os docentes possam estar atualizados e preparados para dar conta das demandas do dia-a-dia na sala de aula.

## **Referências**

ANDRADE, S. G. Inclusão escolar e formação continuada de professores: relações e contrapontos. **Poiésis**, Tubarão, v. 1, n. 1, p. 86-100, jan./abr. 2008.

ANTUNES, H.S; RECH, A.J.D; ÁVILA, C.C. Educação inclusiva e formação de professores: desafios e perspectivas a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Práxis educativa**, Ponta Grossa, v.11, n.1, 171-198, jan./abr. 2016.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/ind.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/ind.asp) acesso: 10 Julh. 2018.

JESUS, D.M.; BARRETO, M.A.S.C.; GONCALVES, A.F.S. A formação do professor olhada no/pelo GT-15 - Educação Especial da Anped: desvelando pistas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 17, p. 77-92, ago./set. 2011.

MENDES, E. G. Construindo uns “lócus” de pesquisas sobre inclusão escolar. In: MENDES, E. G; ALMEIDA, M. A; WILLIAMS, L. C. **Temas em educação especial**: avanços recentes. São Carlos: Editora da UFSCAR, 2004. p. 221-230.

MRECH, L. M. Mas, afinal, o que é educar? In: MRECH, L. M. **O impacto da Psicanálise na Educação**. São Paulo: Avercamp, 2005.

NÓVOA, A. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola. **Inovação**, v. 4, n. 1, p. 63-76, 1991.

NOZI, G. S. **Análise dos saberes docentes recomendados pela produção acadêmica para a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. 2013. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2013.

RODRIGUES, O. M. P. R. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente. In: CAPELLINI, V. L. M. F. **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

SCHNEIDER, S.; SCHMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TUNES, E. Por que falamos de inclusão? **Linhas Críticas**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 05-12, jan./jun. 2003.